

**Infância 2.0: como o Facebook afeta os processos de socialização infantil<sup>1</sup>**Tomás Albrecht<sup>2</sup>**Resumo**

Este artigo levanta alguns pontos acerca da maneira a qual o site de rede social Facebook influencia o processo de socialização infantil. Para isso, são trazidos alguns referenciais teóricos sobre a construção social da infância, o processo de socialização e os sites de redes sociais. Os resultados, obtidos através de um grupo focal, mostram que as crianças vivem num ambiente ubíquo de comunicação. Elas utilizam o site constantemente, sempre em busca da manutenção da conversa com seus pares. As crianças têm noção dos comportamentos que seus amigos, de forma que o site serve como uma espécie de vitrine para a construção de uma reputação perante ao seu grupo de influência. O Facebook, portanto, torna-se uma ferramenta que intensifica a relação das crianças com os agentes de socialização, em especial, com os seus amigos.

**Palavras-chave:** infância; Facebook; socialização.**Keywords:** childhood, Facebook, socialization.**Palabras Clave:** infancia, Facebook, socialización.**1 - A construção da infância**

Para a sociedade contemporânea, a infância é um estágio distinto da vida. Um período interposto entre uma idade em que se é bebê e outra em qual se é adolescente, em cujos anos o indivíduo precisa ser protegido, cuidado e educado. Esse sentimento de que a infância é um mundo à parte, distante das preocupações adultas, corresponde a uma "consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem" (ARIÈS, 2006, p. 99).

É um sentimento socialmente construído, que só veio a existir nos últimos dois ou três séculos (GIDDENS, 2012). Afinal, antes disso, simplesmente não havia função social para este papel dentro da sociedade, uma vez que em diversas sociedades os filhos representavam força produtiva e, desde o início de suas vidas, era esperado que se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnologias Digitais Conectadas e Cognição, evento componente do 2o Encontro Internacional de Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva.

<sup>2</sup> Tomás Albrecht é Bacharel em Comunicação pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, aluno da Especialização em Cultura Digital e Redes Sociais da Universidade do Vale dos Sinos. E-mail: tomas.tommy@gmail.com.

adaptassem às regras e agissem de maneira madura. Dessa forma, até a Revolução Industrial e a sua decorrente maquinização do processo produtivo, as crianças nada mais eram do que mini adultos (BRYM et al, 2006).

É claro que em diferentes contextos já haviam distinções para diferentes fases da vida. No universo medieval, por exemplo, existia um período da vida inclusive chamado *infância*, se estendendo desde o nascimento até os 7 anos de idade (ARIÈS, 2006). Os *enfants*, termo que significa "não falante", eram indivíduos que ainda "não tem seus dentes bem ordenados nem firmes" (ARIÈS, 2006, p. 6) e, por isso, não consegue dizer as palavras.

No entanto, o que é ausente nesse contexto histórico é o *sentimento de infância* como uma fase distinta e especial da vida. Relatos do século XVII dão a entender que as crianças eram tratadas de maneira bem distinta da atual, como mostra um consolo dado a uma mulher que acabara de dar à luz e que já tinha cinco filhos: "antes que te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos" (ARIÈS, 2006, p.22).

Tal exemplo mostra a mentalidade de uma época em que a mortalidade infantil era muitíssimo alta, resultando numa indiferença com os filhos mais novos, uma vez que a sua sobrevivência era incerta. Inclusive, não havia a ideia de que as crianças nasciam com personalidade humana, e o pensamento comum deste contexto pode ser resumido numa frase de Montaigne, ensaísta francês, que escreveu "não reconhecer nas crianças nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo" (ARIÈS, 2006, p. 22).

Dessa forma, vê-se que a percepção atual acerca da infância é socialmente construída e se transforma ao longo dos anos, sempre sofrendo influência do contexto sócio-histórico.

## **2- Aprendendo a ser humano: o processo de socialização**

Desde o seu nascimento, o indivíduo interage com o mundo e com aqueles que o cercam, interpretando e reagindo aos estímulos mais diversos. Dessa forma, já a partir do primeiro minuto de vida, o ser humano experimenta a influência de tudo aquilo que está ao seu redor. Por isso, o comportamento individual "se dá num ambiente social, é decorrência dele, ao mesmo tempo que o determina" (BRAGHIOLLI et al, 1990, p. 61).

Este ambiente é tão relevante que "o contexto social ao nosso redor provê muitos de nossos pensamentos, convicções e comportamentos." (MYERS, 1999, p. 67). Por isso, é possível afirmar que o ser humano é um *animal social*.

No entanto, mesmo que tal condição seja inata, tornar-se um integrante de um coletivo particular de indivíduos necessita aprendizado. Este é o processo conhecido como socialização (BRYM et al, 2006), que pode ser entendido como o processo pelo qual um indivíduo aprende a ser um membro de sua sociedade, consistindo numa imposição de valores do grupo sobre a conduta individual (BERGER; BERGER, 1994).

A socialização é de tal importância que Giddens (2005) argumenta que ela está ligada ao próprio desenvolvimento da espécie humana. Afinal, diferente dos outros animais, os bebês humanos são totalmente desprotegidos, de forma que a socialização se torna um "processo por meio do qual a criança indefesa gradualmente se torna uma pessoa autoconsciente e instruída, hábil nos modos da cultura no qual ela nasceu" (GIDDENS, 2005, p. 42).

É importante ressaltar que, como lembram Giddens (2005) e Berger e Berger (1994), o indivíduo, mesmo em tenra idade, jamais pode ser visto como um ser que sofre passivo à imposição de valores externos. É claro que há uma imposição de valores (BERGER; BERGER, 1994), mas o indivíduo também tem suas demandas e exigências, transformando e influenciando todos aqueles que o cercam (GIDDENS, 2005). Isso faz da socialização um processo de mão-dupla, que afeta tanto criança quanto os adultos que a cercam.

Este processo de aprendizado, porém, não é puramente social. É claro que o aprendizado de papéis a serem desempenhados dentro de sua comunidade, como o de menino ou filho, por exemplo, são compreendidos a partir da convivência e observação; porém durante os seus primeiros anos de vida o indivíduo também passa por um grande desenvolvimento cognitivo, fazendo-se necessária uma breve compreensão do mesmo.

Um dos processos cruciais na questão socializante é o condicionamento, que pode ser compreendido como um processo de associação de estímulos e respostas. Segundo os estudiosos, o condicionamento pode ser entendido como clássico, com a "aquisição de novos sinais para respostas existentes" (BEE, 2003, p. 49) ou um processo de substituição de estímulos; ou operante, que envolve "a associação de uma nova resposta a um estímulo antigo, através da aplicação dos princípios adequados de reforço" (BEE, 2003, p. 49). Um comportamento tende a ser repetido quando esse é

seguido por um reforço: "no condicionamento operante fortalecemos um operante, no sentido de tornar a resposta mais provável ou, de fato, mais frequente" (SKINNER, 2003, p. 72).

Tais conceitos são relevantes pois se mesclam com a construção identitária do indivíduo. Afinal, da mesma forma que os comportamentos são fortalecidos, as dimensões de personalidade, como apego ou competitividade, também o são (BEE, 2003). Ou seja, as características de personalidade também são resultado de um processo de estímulo-resposta. Nisso, o ambiente no qual o indivíduo está inserido torna-se crucial. Afinal, novos comportamentos não são aprendidos apenas por reforços explícitos, mas também pela observação de terceiros, por uma "aprendizagem observacional" (BEE, 2003). Por tal motivo, "a qualidade e o caráter dos relacionamentos da criança com algumas pessoas importantes são vistos como centrais para o desenvolvimento global da criança." (BEE, 2003, p. 47).

Estes terceiros, que podem ser imitados e observados, têm um papel importantíssimo no desenvolvimento da criança, sendo denominados os *agentes de socialização*. Tal termo pode ser compreendido, segundo Giddens (2012), como aqueles grupos ou contextos em que ocorrem processos significativos de socialização. A título de exemplo, a família pode ser citada como o primeiro e principal agente de socialização, já que se constitui como um grupo coeso e presente desde o início da vida do indivíduo (BRYM et al, 2006).

Com tais perspectivas, fica claro que desde os primeiros anos de vida, a criança passa por um forte processo de desenvolvimento e aprendizado. Nesses, ela aprende uma visão de mundo e papéis sociais a serem desempenhados em determinadas situações. Assim, como escrevem Brym et al (2006, p. 114), "os modos de pensar são determinados menos por fatores inatos do que pela natureza das instituições sociais nas quais os indivíduos crescem".

### **3 - Sites de Redes Sociais, Facebook e a Infância.**

Um site de rede social pode ser definido como "serviços baseados na internet que possibilitam aos indivíduos (a) construir um perfil público ou semipúblico em um sistema limitado, (b) articular uma lista de outros usuários com os quais eles compartilhar uma conexão, e (c) ver e cruzar a sua lista de conexões e aquelas feitas por

outros dentro do sistema. (BOYD; ELLISON, 2007, p. 2). E, atualmente, o melhor exemplo deste tipo de serviço é o Facebook.

Com mais de 1 bilhão de usuários cadastrados, o serviço é um dos sites mais acessados do mundo, tendo atingido a meta de 1 bilhão de usuários conectados em um único dia em 24 de agosto de 2015 (MANNARA, 2015). No Brasil a rede também é de extrema relevância, sendo o site de rede social mais acessado do país, contando com cerca de 58 milhões de usuários únicos mensais (COMSCORE, 2015).

Tais números tornam a rede de extrema relevância, mesmo que, em seus termos de serviço, seja exigida uma idade mínima de 13 anos para participação no site. As crianças muitas vezes ignoram tal regra, de forma que têm acesso a um universo do qual teoricamente estariam excluídas. Com esta interação com conteúdos para outras faixas etárias faz com que a investigação acerca da socialização seja relevante, pois as crianças se colocam em contato com outros agentes e influências socializantes.

#### **4 - Metodologia**

Neste estudo foi utilizado um estudo exploratório de vertente qualitativa. Para a coleta de dados, foram realizadas pesquisas bibliográfica, documental e um grupo focal. A unidade de estudo foi composta por 8 crianças com faixas etárias entre 11 e 12 anos e que mantêm contas ativas no Facebook. Para o exame dos dados coletados, foi usada a análise de conteúdo.

#### **5 - Análise de resultados**

O primeiro resultado que fica evidente a partir da análise dos dados é que o Facebook tem uma frequência de uso bastante grande dentre as crianças. Os participantes do estudo relatam usar o site diariamente, mesmo que os pais criem algumas restrições para o acesso, como a realização de tarefas escolares. Por tal motivo, as crianças apresentam um ótimo conhecimento sobre o site e as suas ferramentas. A definição de uma participante chama atenção por sua similaridade com a definição de boyd e Elisson (2007), já apresentada:

O Facebook é um site, né? Em que tu tem o teu perfil, tu adiciona pessoas que tem tipo... que tem conta, igual a ti, que tem exatamente o mesmo perfil que tu, só que com fotos da pessoa, com informações da pessoa. Ao

longo que tu vai adicionando pessoas, tu tem a tua lista do bate-papo, que tu pode conversar com quem tiver online.(Participante 3).

Dentro da perspectiva de um uso diário e constante, é interessante notar que as crianças fazem um grande uso da ferramenta de grupos, permitindo a segmentação de conteúdo, de forma a compartilhar o conteúdo correto com as pessoas certas: “Aí então tu posta uma coisa, só que, tipo, tem uma coisa que eu só quero mostrar para a minha turma. Aí tem o grupo da minha turma e eu posto lá” (PARTICIPANTE 1).

Abram e Pearlman (2010) argumentam que é crucial que as pessoas se agrupem em torno de algo que lhes é importante, com um assunto ou objetivo compartilhado por todos. E isso fica claro na fala das crianças entrevistadas, que dizem participar de uma variada gama de grupos com temáticas distintas, como da turma de colégio, do videogame favorito ou do time de futebol:

“Ah, eu tenho uns grupos, uns 35 eu acho... É que assim, ó: eu tenho grupo de bandas, eu tenho grupo de *bestes*, eu tenho grupo da minha turma, da sexta-série, da minha família... eu tenho um monte de grupo. (PARTICIPANTE 2).

Essa ideia de associação baseada em interesses comuns está associada ao que Christakis e Fowler (2010) chamam de homofilia, que consiste na busca dos indivíduos pela composição de grupos a partir de características comuns com outros. “A verdade é que buscamos por pessoas que compartilham nossos interesses, histórias e sonhos” (CHRISTAKIS; FOWLER, 2010 p. 12-13). Mais do que isso, ao se agruparem, as crianças se constituem como comunidades de rede, que podem ser definidas como um “grupo de pessoas que estão muito mais conectadas entre si do que estão em relação a outros grupos de pessoas conectadas localizadas em outras partes da rede” (CHRISTAKIS; FOWLER, 2010, p. 9) no caso, o Facebook.

Com isso em mente, pode ser visto que muito da participação online das crianças está relacionada a fatos de seus cotidianos, trazendo uma ideia de que a o uso do Facebook têm uma função de extensão de relacionamentos, como resultado, a participação em grupos decorre de algum fato de sua vida cotidiana, como a vida no colégio ou algum hobby.

É interessante analisar que os grupos trazidos pelas crianças correspondem e exemplificam a diferença qualitativa de amizades de meninos e meninas. Argumenta Bee (2003) que, enquanto garotas costumam manter amizades intensivas, os garotos mantêm relacionamentos extensivos, com um maior número de membros. No caso das

crianças entrevistadas, as meninas citam grupos de “*bestes*”, uma gíria para melhores amigas, enquanto os meninos falam de grupos de videogame e futebol. Ou seja, o primeiro exemplo mostra uma amizade mais restrita e intensiva, enquanto o segundo é mais abrangente, não tendo como pano de fundo a afinidade entre membros, mas um interesse comum.

Outro resultado interessante é a grande relevância das ferramentas de bate-papo, que, segundo um dos participantes, “é onde tu conversa com quem tu quiser. E tu pode conversar em grupos, também” (PARTICIPANTE 2). Uma das participantes até mesmo fala que utiliza mais o bate-papo do que o próprio Facebook:

“Sim, é isso mesmo. Eu uso muito mais que o Facebook. Uso direto, porque eu deito na cama, sabe? Aí eu fico mexendo no bate-papo, que tem um aplicativo só de bate-papo, que eu acho mais simples. (PARTICIPANTE 1).

Quando foi proposto que o grupo dissertasse sobre a diferença entre o recurso de bate-papo e o de mensagem privada, ficou claro que há a consciência da dimensão das conversas síncronas e assíncronas, que se diferenciam pela resposta imediata, no primeiro caso, e na possibilidade de o usuário tomar mais tempo para enviar a sua resposta, no segundo (RECUERO, 2010). Tal percepção pode ser vista no discurso da Participante 3:

“O bate-papo, para tu falar e a pessoa responder mesmo, ela tem que estar necessariamente on-line. E a mensagem tu pode mandar a qualquer hora, quer a pessoa esteja ou não esteja, que quando ela entrar ela vai receber direto (PARTICIPANTE 3).

Dessa forma, vê-se que a compreensão do grupo sobre o recurso, mais uma vez, é bastante parecida com a descrição oferecida pelo próprio Facebook (2012b), que diz que esse é um recurso que permite ao usuário “enviar mensagens instantâneas os amigos on-line”. Mesmo que o grande foco do uso do Facebook seja a interação com conhecidos, foi possível perceber que há nas crianças um senso de privacidade e insegurança a respeito das informações jogadas na rede. Isso fica claro quando o grupo foi perguntado a respeito das ferramentas de geolocalização, que permitem a um usuário marcar em suas publicações onde ele está fisicamente. A compreensão da ferramenta é clara, como mostra essa fala:

“Tu posta ‘oi’. Aí então vai aparecer ‘enviado’, e eu estou no shopping Iguatemi, e vai tá ‘enviado de shopping Iguatemi’. Só que se teu perfil não é bloqueado, qualquer pessoa pode saber que tu tá no shopping Iguatemi” (PARTICIPANTE 3).

No entanto, não ficou evidenciado o uso de tal recurso, uma vez que as crianças têm a percepção de que ele pode ser perigoso. Muitas vezes essa foi uma orientação dos pais, porém os próprios participantes relatam ter uma certa insegurança com essa ferramenta: “Meus pais nunca falaram, assim, para não usar a ferramenta, sabe? Mas eu tenho uma certa noção de que não se deve. Eu sei que isso é uma coisa perigosa. ” (PARTICIPANTE 4).

Outro ponto interessante resultado da coleta de dados foram as associações feitas pelas crianças entre o Facebook e locais físicos. O site claramente funciona como um agregador de amigos, um ponto de encontro. Assim, quando perguntadas sobre qual é o lugar que mais se parece com o Facebook, surgiram respostas como “parque de diversões” (PARTICIPANTE 1), um “clube” (PARTICIPANTE 3) ou uma “escola”. Embora este último possa parecer dissonante, o próprio participante explica a sua afirmação: “a escola, porque é o lugar onde a gente mais se fala. ” (PARTICIPANTE 2).

Assim, podemos ver que a função central do Facebook é a extensão e o aprofundamento dos laços sociais criados em outros ambientes, como a escola ou o clube. Tal percepção está bastante relacionada às ideias de Lévy (2010) sobre o ciberespaço. Segundo o autor, esse se constitui de um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. ” (LÉVY, 2010, p. 94), que emerge de um movimento social de contracultura, cujo objetivo era a apropriação dos meios de comunicação. Os membros de tal movimento “exploraram e construíram um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva. ” (LÉVY, 2010, p. 128).

Nesse espaço virtual de interconexão, apropriação e invenção coletivas, é possível o surgimento do que Lévy (2000) chamou de *ágora virtual*. Ele argumenta que, desde o momento em que a escrita proporcionou a formação das primeiras administrações democráticas, a comunicação e a política se desenvolveram lado a lado. As formas de governo existentes, continua, teriam se estabilizado “numa época em que as mudanças técnicas, econômicas e sociais eram bem menos rápidas do que hoje” (LÉVY, 2000, p. 61). No entanto, atualmente, a técnica de comunicação e de interconexão, em suma, o ciberespaço, dão à sociedade uma chance de se reinventar, tornando-se democrática em essência, pois nesse espaço virtual, é possível explorar problemas de forma mais plural.



No caso da apropriação do Facebook pelas crianças, podemos interpretar este espaço virtual como uma *ágora infantil*, um espaço na qual os participantes estão dispostos a trocar e compartilhar conteúdos de seu dia a dia. Nele, são replicados os assuntos do cotidiano, pois, como escreve Castells (2002 apud RÜDIGER, 2011, p. 141), “a internet põe os cidadãos em contato por meio de uma *ágora pública*, através da qual eles podem exprimir suas preocupações e partilhar suas esperanças”.

Assim, o Facebook é uma plataforma de replicação daquilo que acontece no cotidiano de seus participantes. De acordo com a perspectiva das crianças, ele tem uma dimensão de lazer, transformando-se num espaço virtual para tratar de diversão e hobbies com os seus amigos. Por tal motivo, o Facebook pode ser encarado como uma poderosa ferramenta de extensão de relacionamentos previamente estabelecidos, criando uma ubiquidade e onipresença dos pares: mais do que ter amigos de colégio ou de clube, tenho amigos que, independentemente de sua origem, estarei em contato sempre que estiver online.

## 6 - Considerações finais

A partir da análise dos resultados obtidos em campo, é possível observar que as crianças veem no Facebook uma poderosa ferramenta para a manutenção da conexão com seus amigos mais próximos. O primeiro contato com o site se dá através de amigos ou irmãos mais velhos, evidenciado aqui um papel geracional de aprendizagem, uma vez que os mais novos aprendem as ferramentas e comportamentos com os mais velhos. Uma vez no site, a sua grande finalidade é a conversação. Para isso, são usadas diversas funcionalidades, como os grupos e o bate-papo.

Porém, de forma que essa conversação seja possível, as crianças precisam, antes de tudo, construir um perfil, uma identidade própria. Nessa construção, elas podem negociar sua própria personalidade, buscando aparecer para seus pares como mais engraçadas ou menos tímidas, o que não é possível em ambientes não mediados.

Estas questões da conversação e da construção de perfis particulares influenciam no tipo de conteúdo compartilhado pelas crianças na rede. Durante a pesquisa, foi identificado que os conteúdos trabalhados no site pelas crianças orbitam, de forma geral, em torno de seus hobbies e interesses pessoais, mostrando mais uma vez como o site funciona como uma extensão da vivência diária dos seus participantes.

As fotos e vídeos, talvez o principal tipo de conteúdo trabalhado pelas crianças, servem, por exemplo, para mostrar aos amigos um pouco dessa vivência. Através delas, os pares estão sempre cientes daquilo que acontecem nas vidas alheias. Por tal motivo, todos esses conteúdos são selecionados, uma vez que irão ser apresentados para a grande plateia de conexões no Facebook. Assim, todo conteúdo postado passa por uma curadoria, mesmo que inconsciente, já que é através dele que as crianças formam a sua identidade na rede e ganham curtidas, o que é visto como fator de sucesso e popularidade. Como consequência, muitos dos compartilhamentos estão associados a conteúdo humorístico, que é apreciado pelas crianças. Afinal, o Facebook é um lugar para “bobagens”, enquanto “coisas sérias” são coisas de adultos, um mundo que elas não querem fazer parte e que não deveria estar presente no Facebook.

Por sinal, a mera presença dos adultos tem forte influência na atuação infantil no Facebook. Quando os pais e adultos próximos aparecem dentre as conexões, as crianças sentem-se vigiadas, policiando-se quando aquilo que compartilham. Este é, inclusive, um dos fatores que as levam a fecharem-se em grupos.

Este fechamento acarreta numa compartimentalização da experiência virtual infantil, que dividem a sua atuação em diversos grupos, cada um com um tema, função e denominador comum específicos.

Nesses grupos acontece um reforço dos laços entre os atores. Afinal, eles são constituídos, muitas vezes, por um número pequeno de pessoas com características partilhadas, tornando-se espaços seguros para o diálogo e a troca sobre assuntos que nem toda a sua rede, aqui inclusos os pais, devem ter acesso.

Estas observações apontam para o fato de que a principal relação mantida entre crianças é a da amizade. Isso é relevante pois é na infância que o indivíduo começa a abrir-se para o mundo, aumentando a sua rede de contatos e as pessoas com quem convive. Nesse contexto, surge mais uma vez como crucial a existência de um perfil identitário particular a cada indivíduo. Afinal, se a ideia da conexão é a troca, é preciso haver uma certeza de que quem está por trás do perfil é, de fato, quem o usuário imagina que seja. Dessa forma, para o estabelecimento de uma conexão, as crianças precisam saber quem o usuário, de fato, é.

É importante ressaltar que, no contexto do Facebook, o contexto de amizade torna-se menos rígido. Através do site, elas adicionam e tornam-se “amigos” de pessoas com as quais elas nunca falaram, porém que sabem quem são. Isso é decorrente de dois

fatos. Em primeiro lugar, há uma etiqueta implícita, que precisa ser seguida. De acordo com ela, não aceitar um pedido de amizade é uma ofensa grave. Além disso, o número de conexões no site é extremamente importante: no Facebook a quantidade de conexões é mais relevante do que a sua qualidade.

No entanto, a qualidade é um conceito importante quando ligado ao conteúdo compartilhado. A percepção que a minha rede terá de mim é muito associada àquilo que ela vê em meus compartilhamentos. Dessa maneira, uma vez adicionado, é preciso pensar que tipo de conteúdo será compartilhado por meu perfil no site.

Este tipo de comportamento pode ser relacionado com o comportamento que as crianças têm em ambientes não mediados. Assim como na escola, por exemplo, na rede as crianças conversam mais com determinado grupo de amigos, enquanto há um conjunto de “conhecidos” que, salvo a eventuais diálogos, tem o relacionamento resumido a um pedido de amizade no Facebook. Importante ressaltar que, embora possam ser feitos paralelos entre os relacionamentos mediados e não mediados, em determinados aspectos os dois diferem por completo. O Facebook é visto como uma forma de evitar conflitos e embaraços. As crianças admitem que é mais fácil brigar e discutir utilizando a mediação, pois há a possibilidade de desligar-se da conversa quando assim for desejado.

Independentemente dessa facilidade para o fim da interação, todos os contatos de uma criança no Facebook, sejam esses amigos ou meros conhecidos, acabam por influenciar o seu comportamento. Isso pois todo comportamento tem um componente social, ou seja, existe mesmo que de maneira inconsciente um condicionamento em relação às expectativas de terceiros.

Um bom exemplo a respeito disso é relacionado aos conteúdos compartilhados. Como visto, as crianças têm noção do que é mais aceito e curtido, de forma que acabam postando mais deste tipo de conteúdo, visando uma maior aceitação dos seus pares. É uma vez que é através das postagens que um indivíduo determina o seu perfil e a sua identidade na rede, a plateia virtual acaba por fazer parte dessa construção. É claro que o grupo de amigos mais próximos tem uma influência maior, afinal ele está em maior contato e é mais presente na experiência virtual das crianças, porém todas as conexões são relevantes.

Os pais e os adultos, embora não sejam público-alvo para a busca por *likes* também têm um papel relevante nessa experiência de uso do site, tanto de forma implícita quanto explícita.

Em alguns momentos, existem orientações a respeito do uso do site, seja em relação a uso de ferramentas ou de comportamentos públicos. No entanto, o grande papel dos adultos está no fato de que a sua presença se constitui numa clara fonte de influência, já que as crianças se sentem vigiadas, buscando adequar suas atitudes aos olhares dos pais ou se refugiando em grupos, vistos como locais seguros para a livre expressão. De fato, a grande questão no relacionamento entre pais e filhos através do Facebook é um aparente ruído geracional, causado por compreensões diferentes do site e de como ele deve ser usado.

Concluindo, através deste estudo foi possível perceber que as crianças vivem num ambiente de ubiquidade comunicacional, já que elas não percebem obstáculos ou diferenças entre as interações mediadas e não mediadas. Como consequência, elas estão imersas num único ambiente interativo, numa conversação constante sem pausas, barreiras ou fronteiras. No Facebook, porém, os relacionamentos são centrados em interações com pares e amigos mais próximos, muitas vezes em grupos fechados, longe dos olhares adultos. Isso faz com que, no Facebook, as crianças encontrem um espaço seguro para a troca de conteúdos e interações longe de outras instituições socializadoras como a escola ou a família. No caso de grupos, devido ao seu tamanho reduzido, os laços mais próximos são reforçados e os relacionamentos aprofundados. Nessas interações, a ausência do outro físico torna-se relevante, pois as crianças se percebem mais livres para trabalhar conteúdos os quais poderiam ser vistos como embaraçosos. Além disso, a questão dos conflitos, comuns a vida de qualquer indivíduo, tornam-se diferentes, pois essa ausência faz com que seja possível a não resolução, a fuga do embate. Claro que o conflito é ruim, mas é parte necessária do crescimento individual. Assim, é possível argumentar que as crianças estão perdendo uma importante lição para a vida em sociedade.

Por fim, conclui-se que o Facebook de fato tem influência sobre a socialização e as relações infantis. Afinal, ele coloca o indivíduo num processo comunicacional diferente, com muito mais presença dos pares, aumentando o papel desse agente de socialização. Além disso, a construção de um perfil virtual público faz com que as crianças estejam sempre negociando a sua identidade, buscando mostrar algo que, ao

mesmo tempo, seja verdadeiro e satisfaça as suas próprias expectativas. Por tal motivo, é importante a reflexão acerca desse impacto, uma vez que é através da observação e imitação que aprendemos a ser humanos. E, no Facebook, lidamos com versões construídas, e nem sempre verdadeiras, de todos aqueles que nos cercam.

### Referências bibliográficas

- ABRAM, Carolyn; PEARLMAN, Leah. **Facebook for Dummies**. Jersey City: Wiley Publishing, 2010.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. **Socialização: como ser um membro da sociedade**. In: Sociedade e Sociologia: leitura de introdução à Sociologia. FORACCHI, Marialice Mencari (ORG.) Rio de Janeiro: LTC, 1994.
- BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. In: Journal of computer-mediated communication, Vol 13, No. 1. 2007. Disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html> Acesso em: 10 jun. 2015.
- BRAGHIROLI, Elaine Maria et al. **Psicologia Geral**. Porto Alegre: Vozes, 1990.
- BRYM, Robert et al. **Sociologia – sua bússola para um novo mundo**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- CHRISTAKIS, Nicholas A.; FOWLER, James. **O poder das conexões: a importância do networking e como ele molda nossas vidas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- COMSCORE. **Brazil Digital Future in Focus**. 2015. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-e-documentos/2015/2015-Brazil-Digital-Future-in-Focus> Acesso: 11 de outubro de 2015.
- FACEBOOK.com. **Sessão de ajuda do site**. 2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/help> Acesso: 2 jun 2015.
- FACEBOOK.com. **Sobre**. 2012. Disponível em <http://www.facebook.com/facebook/info> Acesso: 30 mai 2012.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2000.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos – o declínio do individualismo na sociedade de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

MANNARA, Barbara. **Facebook marca 1 bilhão de acessos no dia; 1 em cada 7 pessoas no mundo**. 2015. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/08/facebook-tem-1-bilhao-de-acessos-diaros-1-em-cada-7-pessoas-no-mundo.html> Acesso: 11 de outubro de 2015

MYERS, David. **Introdução à psicologia geral**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Cibercultura – Perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina. 2011.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003